

Análise estatística da utilização da rede social *Facebook* por parte de alunos de escolas estaduais paulistas em contexto de mobilização contra a reorganização escolar¹

Claudia Regina Lemes²

Paulo Roxo BARJA³

Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Comunicação (FCSAC), Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), São José dos Campos, SP.

RESUMO

Em 2015, como forma de protesto contra a reorganização escolar anunciada pelo governo paulista, estudantes de diferentes cidades ocuparam escolas públicas em São Paulo utilizando as redes sociais como recurso para divulgação, organização e (conseqüentemente) fortalecimento do movimento. Mesmo após a desocupação, as páginas criadas pelos estudantes no período da ocupação ainda seguiram sendo utilizadas nos meses seguintes, para a publicação de informes diversos. O presente trabalho tem por objetivo caracterizar e analisar os tipos e fontes das publicações compartilhadas nas páginas da rede social Facebook criadas por estudantes da Região Metropolitana do Vale do Paraíba especificamente por ocasião da ocupação escolar, buscando compreender a dinâmica da utilização da rede social como instrumento de cidadania.

PALAVRAS-CHAVE: educação; escola; estatística; movimento estudantil; rede social.

INTRODUÇÃO

Em meados do ano de 2015, o governo estadual paulista divulgou uma proposta oficial de “reorganização escolar” que implicava na transferência de mais de 100 mil estudantes entre escolas públicas paulistas, atingindo em torno de 700 unidades de ensino, das quais aproximadamente uma centena delas seria extinta. A proposta do governo para a tarefa de reorganização e extinção de escolas públicas – que seria implementada oficialmente a partir do início de 2016 – apresentava como principal argumento a alegação de que, ao longo dos últimos 17 anos, teria havido uma redução de dois milhões de estudantes na rede estadual de ensino, o que geraria um número muito grande de vagas ociosas nas escolas.

¹ Trabalho apresentado no GT 8 – Comunicação e Política, do PENSACOM BRASIL 2018.

² Professora da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo – SP, email: claurlemes@gmail.com

³ Professor da FEAU-UNIVAP e da FCSAC-UNIVAP, email: barja@univap.br

Segundo a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (2015), a reorganização também pretendia evitar a coexistência, na mesma unidade escolar, de mais de um ciclo de educação (Infantil, Fundamental e Médio. A tese da Secretaria era a de que separar os estudantes por ciclos favorecia pedagogicamente os estudantes e por este motivo a reorganização seria um ganho para a educação.

Em resposta ao anúncio do governo estadual, surgiu o movimento de ocupação escolar que teve início no dia 23 de setembro de 2015. A mobilização teve início a partir das expressões de contrariedade e indignação dos estudantes publicadas nas redes sociais. Aos poucos, o movimento foi se alastrando, com o surgimento de listas de assinaturas de apoiadores, realização de passeatas, manifestações públicas e por fim as ocupações de escolas.

Nas escolas ocupadas, os estudantes ganharam progressivamente o apoio da opinião pública em geral, à medida que organizavam shows, aulas extracurriculares, debates e atividades culturais no espaço escolar (ocupado), ao mesmo tempo que denunciavam os descasos e omissões dos meios de comunicações tradicionais. No processo de ocupação, os estudantes secundaristas utilizaram intensamente as redes sociais, em particular o Facebook, criando páginas específicas para notícias referentes às ocupações, de modo a expor a sequência da luta contra o projeto do governo do Estado; segundo os estudantes, a reorganização era “uma manobra política opressora, impositiva, que ocorreu sem levar em conta as características democráticas que as decisões no âmbito de uma escola precisam ter” (BARJA; LEMES, 2016, p. 94). As ocupações joseenses iniciaram-se a partir de meados de novembro de 2015 e seguiram até o dia 6 de dezembro de 2015 (BARJA; LEITE, 2017).

O apoio rápido da população ao movimento dos estudantes se deu, talvez, por se tratar de um fato inusitado na história na história social brasileira e legítimo por partir da luta dos próprios estudantes por si mesmos (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016). Recebeu o apoio de professores e membros da comunidade local que, em solidariedade aos estudantes, fizeram doações de mantimentos e contribuíram com o caráter da ocupação através de aulas abertas sobre temas ligados a cidadania, história e cultura. Um exemplo foi a realização de oficinas de criação coletiva de literatura de cordel, que originou posteriormente a obra "A Poesia do Cordel na Ocupação Escolar" (CORDÉIS JOSEENSES, 2016).

No entanto, conforme atestam Mazza e Santos (2015), a grande repercussão do movimento paulista de ocupação das escolas estaduais pode ser ligada ao fato de que ter sido esta a primeira ocasião, no século XXI, em que parte significativa da grande mídia reconheceu o protagonismo efetivo dos estudantes de periferia em uma luta por condições de educação e qualidade de ensino.

Na Região Metropolitana do Vale do Paraíba, na maior cidade em que se verificou o movimento estudantil, o processo das ocupações escolares iniciou-se de modo efetivo a partir de meados de novembro de 2015, seguindo até o dia 6 de dezembro deste mesmo ano (BARJA; LEITE, 2017).

O presente artigo foi realizado com base no estudo observacional (com posterior análise estatística) das páginas de duas escolas joseenses na rede social Facebook, sendo que uma das páginas foi criada em 18 de novembro de 2015, enquanto a outra página foi iniciada no dia 24 de novembro de 2015, acompanhando a sequência das ocupações.

METODOLOGIA

A metodologia adotada foi a pesquisa prospectiva nas duas páginas criadas na rede social Facebook pelos estudantes durante o processo de ocupação nas escolas de São José dos Campos. Foram consideradas todas as publicações efetuadas nestas páginas no período de novembro de 2015 (época do início do processo de ocupação escolar na cidade) até novembro de 2016. Foram adotadas as seguintes dimensões de análise: i) âmbito da postagem (local, municipal, estadual ou nacional); ii) tipo de elemento predominante (texto, foto ou vídeo); iii) autoria (postagem própria ou compartilhada); e iv) tipo de fonte externa (grande mídia, mídia independente ou organizações políticas).

RESULTADOS

A Tabela 1, a seguir, mostra a divisão das postagens em função do âmbito da publicação (local, municipal, estadual ou nacional) e da época (mês). Os mesmos dados são reagrupados na Tabela 2, de modo a destacar as diferenças entre o período de ocupação e o período pós-ocupação.

Tabela 1. Âmbito da postagem em função da data (mês)

Mês	Local	Municipal	Estadual	Nacional	TOTAL
Nov/15	84	8	14	2	108
Dez/15	16	2	11	2	31
Jan/16	0	4	0	0	4
Fev/16	0	0	1	0	1
Mar/16	0	0	0	0	0
Abr/16	0	0	1	4	5
Mai/16	2	0	6	1	9
Jun/16	0	0	0	0	0
Jul/16	0	0	0	0	0
Ago/16	0	0	0	0	0
Set/16	0	2	0	1	3
Out/16	0	2	3	3	8
Nov/16	0	2	0	0	2
TOTAL	102	20	36	13	171

Tabela 2. Âmbito da postagem em função da situação (ocupação x pós-ocupação)

Período	Local	Municipal	Estadual	Nacional	TOTAL
Ocupação	100	10	25	4	139
Pós-ocupação	2	10	11	9	32
TOTAL	102	20	36	13	171

A seguir, a Tabela 3 mostra a divisão das postagens em função do tipo de elemento predominante (texto, imagem ou vídeo) e da época (mês). Os mesmos dados são reagrupados na Tabela 4, que destaca as diferenças entre o período de ocupação e o período pós-ocupação.

Tabela 3. Tipo de elemento predominante (texto, imagem ou vídeo) em função da data (mês)

Mês	Texto	Imagem	Vídeo	TOTAL
Nov/15	31	65	12	108
Dez/15	6	20	5	31
Jan/16	0	4	0	4
Fev/16	0	1	0	1
Mar/16	0	0	0	0
Abr/16	1	3	1	5
Mai/16	0	5	4	9
Jun/16	0	0	0	0
Jul/16	0	0	0	0
Ago/16	0	0	0	0
Set/16	0	1	2	3
Out/16	3	3	2	8
Nov/16	1	1	0	2
TOTAL	42	103	26	171

Tabela 4. Tipo de elemento predominante (texto, imagem ou vídeo) em função da situação (ocupação x pós-ocupação)

Período	Texto	Imagem	Vídeo	TOTAL
Ocupação	37	85	17	139
Pós-ocupação	5	18	9	32
TOTAL	42	103	26	171

A Tabela 5 mostra a divisão das postagens externas compartilhadas na página da ocupação em função do tipo de fonte/origem e da época (mês). Os mesmos dados são reagrupados na Tabela 6, que novamente pontua as diferenças entre os períodos de ocupação e pós-ocupação.

Tabela 5. Tipo de fonte externa em função da data (mês)

Mês	Grande mídia	Mídia independente (blogs etc)	Organizações políticas (partidos etc)	TOTAL
Nov/15	4	15	4	23
Dez/15	4	8	1	13
Jan/16	0	2	2	4
Fev/16	1	0	0	1
Mar/16	0	0	0	0
Abr/16	0	1	4	5
Mai/16	0	8	1	9
Jun/16	0	0	0	0
Jul/16	0	0	0	0
Ago/16	0	0	0	0
Set/16	1	1	1	3
Out/16	1	4	3	8
Nov/16	0	2	0	2
TOTAL	11	41	16	68

Tabela 6. Tipo de fonte externa em função da situação (ocupação x pós-ocupação)

Mês	Grande mídia	Mídia independente (blogs etc)	Organizações políticas (partidos etc)	TOTAL
Ocupação	8	23	5	36
Pós-ocupação	3	18	11	32
TOTAL	11	41	16	68

Por fim, a Tabela 7 mostra a divisão das postagens em “próprias” (produzidas pelos próprios autores das postagens) e “compartilhadas” (postagens externas compartilhadas na página da ocupação). Os dados estão agrupados conforme os períodos (ocupação e pós-ocupação).

Tabela 7. Porcentagem de postagens próprias e compartilhadas em função da situação (ocupação x pós-ocupação)

Mês	Postagens próprias	Compartilhamentos	TOTAL
Ocupação	103	36	139
Pós-ocupação	0	32	32
TOTAL	103	68	171

DISCUSSÃO

As Tabelas 1 e 2 evidenciam a mudança de âmbito das postagens ao longo e após o processo da ocupação escolar: durante a ocupação, a predominância era de temas locais, enquanto no período pós-ocupação ocorre predomínio absoluto de temas municipais, estaduais e mesmo federais. A maior ocorrência de temas estaduais justifica-se por ter sido a ocupação um gesto de resistência ante a proposta de reorganização escolar, vinda do governo paulista.

As Tabelas 3 e 4 avaliam o tipo de postagem compartilhada na página da ocupação. Em todos os momentos, observa-se clara predominância de imagens sobre a produção textual e/ou de vídeo. No entanto, durante a ocupação há significativa produção textual, indicando maior envolvimento com o processo de registro de atividades diárias. Ao período pós-ocupação correspondem basicamente imagens e vídeos. No entanto, como vimos, essa produção posterior refere-se principalmente a temas transversais, de amplitude estadual e federal.

Analisando conjuntamente as Tabelas 5 a 7, observa-se mais uma vez mudanças significativas. O período da ocupação era marcado por postagens autorais, voltadas, por exemplo, à organização cotidiana da ocupação. Após o término da ocupação, a totalidade das postagens passa a ser constituída por compartilhamentos de postagens externas, não apenas de blogs e mídia independente, mas também de organizações políticas. Isso mostra que a batalha/disputa ideológica a respeito do processo das ocupações escolares tende a se acentuar no momento posterior à ocupação.

Durante os protestos de meados de 2013 pelas ruas brasileiras, o tema genérico da “luta contra a corrupção” denunciava a falta de clareza quanto à existência de (outros) objetivos dessas passeatas. É importante, aqui, observar que, em última análise, aquele foi o estopim do movimento que culminou em 2016, com o impeachment de Dilma Rousseff e a retomada dos processos privatistas. Desde então, com a permanente ameaça de perda de direitos (trabalhistas, previdenciários etc), a sociedade brasileira ainda tateia em busca de formas de participação efetiva nas decisões políticas do país, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, instituições tradicionalmente importantes como agentes de mobilização (sindicatos, por exemplo) têm perdido força junto à sociedade, em parte por conta de um discurso midiático genérico que nega a representatividade de tais organizações.

Dentro deste contexto, os partidos políticos nitidamente perderam espaço, caindo no descrédito da população. Um exemplo: no caso da grande paralisação (locaute?) dos caminhoneiros pelo Brasil, ocorrida no final de maio de 2018, a bandeira do Brasil substituiu as bandeiras dos partidos políticos. Um reflexo adicional da perda de força de siglas partidárias tradicionais foi a recente pulverização partidária nos resultados das eleições em todo o país (com novas siglas surgindo e outras perdendo representatividade), quando se observa a composição das câmaras legislativas estaduais e da câmara federal.

Todo este cenário torna ainda mais digno de nota o fato de que o processo de ocupação das escolas públicas por parte dos estudantes foi, clara e inegavelmente, uma manifestação de cunho político. Observa-se, porém, que a partidarização (no sentido específico da presença de siglas de agremiações político-partidárias) não se fez presente no início das publicações nas páginas das redes sociais criadas pelos estudantes a propósito do processo de ocupação.

O presente estudo permite observar, a partir das publicações estudantis na rede social, que foi no decorrer do processo de ocupação que houve uma aproximação do movimento com integrantes de partidos políticos; esta aproximação ocorre progressivamente, para ganhar relevância estatística apenas *a posteriori*. Deste modo, o processo de ocupação da rede social configura o que poderíamos chamar de agendamento popular de uma pauta político-partidária.

CONCLUSÃO

A análise dos dados revela que a ocupação das escolas públicas pode ser de fato considerada, ao menos em sua fase inicial, como uma iniciativa fundamentalmente estudantil e livre de amarras ideológicas/partidárias, ocorrendo no entanto uma reconfiguração ao longo do tempo, de modo que o período pós-ocupação é marcado pela disputa narrativa em que a presença de organizações políticas é, aí sim, predominante. Isso mostra que a batalha/disputa ideológica a respeito do processo das ocupações escolares tende a se acentuar posteriormente à ocupação, provavelmente devido ao fato de que o movimento foi considerado em geral bem sucedido, recebendo apoio popular. Esta mudança processual é confirmada pelo fato de que as postagens referentes à ocupação concentram-se inicialmente em questões locais; com o tempo, o debate no contexto da ocupação amplia-se de modo a levar em conta também questões mais amplas, de âmbito estadual e federal. Conclui-se assim que a o processo de ocupação da rede social gerou o agendamento de uma pauta político-partidária.

Referências bibliográficas

BARJA, Paulo Roxo; LEMES, Cláudia Regina. A ocupação das escolas estaduais paulistas: o discurso estudantil contra a reorganização avaliado a partir da produção de um cordel coletivo. In: 20º COLE nas dobras do (im)possível - Unicamp, 2016, Campinas, SP. Disponível em: <<https://linhamestra30.wordpress.com/>>. Acesso em: 29 Out. 2018.

CAMPOS, A. M.; MEDEIROS J.; RIBEIRO, M. M. Escolas de Luta. São Paulo: Veneta, 2016.

CORDÉIS JOSEENSES (blog). CJ 65 - A Poesia do Cordel na Ocupação Escolar (2016). Disponível em: <<http://cordeisjoseenses.blogspot.com.br/2016/01/cj-65-poesia-do-cordel-na-ocupacao.html>>. Acesso em 2 Nov. 2018.

LEITE, Ana Flávia P.; BARJA, Paulo Roxo. Alunos das Escolas Estaduais Paulistas Diante da Proposta de Reorganização Escolar: Ocupação e Comunicação. In: IV PENSACOM BRASIL 2017, 2017, São Paulo. Anais da IV Conferência do Pensamento Comunicacional Brasileiro - Das Indústrias Culturais às Indústrias Criativas: ação, criação e imaginação. São Paulo: InterCom, 2017, p.1-8.

MAZZA, Débora; SANTOS, Maria H. Notas sobre o movimento de ocupação em São Paulo. *Brasil Debate*, São Paulo, 16, fev. 2016. Disponível em: <<http://brasildebate.com.br/notas-sobre-o-movimento-de-ocupacao-das-escolas-estaduais-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 05 Nov. 2018.